

Resolução de Conjuntura aprovada no 68º Coneg da UNE

Estamos atravessando no Brasil uma convergência de crises, econômica, política, social, ambiental, e recentemente, uma crise sanitária, decorrente da pandemia da Covid-19, que acarretou na morte de mais de 670 mil brasileiros e brasileiras, consequência da política negacionista do governo Bolsonaro. O Brasil retornou ao mapa da fome, o desemprego e o subemprego batem recordes. O apagão em educação, ciência e tecnologia fez com que fosse necessário que o movimento social ressignificasse a sua atuação e o seu papel e passasse a ocupar o espaço deixado pela negligência e pelo negacionismo do governo federal. O governo Bolsonaro impõe uma agenda econômica neoliberal e uma política autoritária com feições neofascista, que tem aglutinado setores da classe dominante, do exército, de milícias civis armadas e da classe média conservadora.

O resultado deste governo tem sido o desmonte das instituições públicas e de importantes políticas públicas conquistadas com muita luta no período dos governos populares como o Bolsa Família e o SUS; os sucessivos ataques à Amazônia; o genocídio e encarceramento do povo negro, que evidencia que a juventude pobre e periférica foi colocada como um dos principais alvos da violência estatal, através das forças militares ou judiciárias; os ataques aos Povos Indígenas e indigenistas, mais recentemente o caso dos povos Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul, além do assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips, o desmonte das agências e institutos de proteção e preservação dos biomas brasileiros e seus povos, como o IBAMA e a FUNAI; o desprezo à cultura, expresso no veto às leis Aldir Blanc 2 e Paulo Gustavo, já derrubados pelo Congresso Nacional; desmonte de nossas empresas estratégicas, a exemplo da Petrobrás e da Eletrobrás, que são fundamentais para o desenvolvimento e a garantia de direitos sociais no Brasil.

Ser estudante no Brasil de Bolsonaro é assistir seus sonhos e planos de vida serem destruídos por uma política econômica e social que gera uma armadilha de ausência de perspectiva no ciclo de vida das e dos jovens. Estamos voltando a ocupar aos poucos as cadeiras das universidades, e ainda nos deparamos com obstáculos que nos dificultam ou impedem de retomar o pleno exercício desse direito, mas apesar das adversidades impostas pela conjuntura, os estudantes e as entidades estudantis, junto aos movimentos sociais construíram a campanha nacional Fora Bolsonaro e diversas lutas nas ruas em defesa dos direitos sociais e da democracia, desde 2019 ocupamos as ruas das cidades brasileiras.

A eleição de 2018, foi resultado de um intenso processo de criminalização da política e da articulação de setores da elite, da direita e extrema direita. Tal articulação,

preendeu e retirou das eleições o candidato que estava mais bem colocado nas pesquisas e abriu caminho para o programa neoliberal e de ódio que elegeu Jair Bolsonaro. O governo Bolsonaro é também marcado pela disseminação de discursos e práticas de ódio que aprofundam a misoginia e o racismo, fomentam a violência e crimes de cunho político a exemplo do assassinato recente de Marcelo Arruda, além dos emblemáticos casos do assassinato de Marielle Franco e Mestre Moa em 2018.

Estes anos de bolsonarismo, comprovaram o óbvio: não é possível defender o povo brasileiro e a democracia sem nos opormos frontalmente ao governo fascista. Por todo esse contexto, as eleições de 2022 significam mais do que uma simples polarização de projetos políticos, será a eleição da democracia contra o fascismo.

Estamos diante do desafio de derrotar o que foi para o Brasil o pior e mais cruel governo da história para a classe trabalhadora, que se ancorou nos marcos do neofascismo, do conservadorismo e do programa neoliberal radical, acirrando cada vez mais o conflito capital x vida.

A candidatura que se apresenta hoje com viabilidade para derrotar eleitoralmente Bolsonaro é a de Lula, que mostra viabilidade já em primeiro turno e tem aglutinado setores progressistas e democráticos em torno dessa necessidade histórica, trata-se de uma frente ampla contra o fascismo.

É nesse sentido que a UNE tem a tarefa de mobilizar a luta dos e das estudantes brasileiros em cada universidade e em cada entidade geral, para conduzir a capacidade histórica de mobilização dos estudantes rumo a derrota eleitoral de Bolsonaro e, também, da extinção do Bolsonarismo e neoliberalismo de uma vez por todas do Brasil.

É fundamental estimular a participação estudantil como protagonistas na defesa do país, reunindo as forças necessárias para a derrubada do neofascismo e reconstrução do Brasil. A UNE é uma entidade que há 85 anos combate às ameaças autoritárias e golpistas, nesse momento decisivo, seguiremos honrando nosso papel histórico.

É necessário ter como exemplo nossos irmãos latinoamericanos, que através da mobilização permanente nas ruas e nas redes barraram tentativas de Golpe e elegeram Governos populares, o discurso bolsonaristas de intensas ameaças à democracia nos dão a tarefa de debater constantemente os riscos impostos diante das eleições de 2022. Precisamos estar ocupando as ruas para garantir que o processo eleitoral e seu resultado sejam respeitados. Por isso é nosso dever reunir e mobilizar amplos setores da sociedade para defender eleições livres e derrotar Bolsonaro. Neste contexto é fundamental a construção de uma plataforma em defesa da educação e dos

direitos da juventude, e junto a isso construir grandes e amplas mobilizações nas Universidades por todo o país, como o dia 11 de agosto, dia dos estudantes, como uma agenda de luta em defesa da democracia e das eleições livres e sem golpe. E nesse contexto, saímos do 68º CONEG da UNE com o desafio da construção de comitês estudantis e mobilizações permanentes em todo o país para defender a educação, a democracia e o Brasil, visando derrotar Bolsonaro nas urnas e nas ruas!

São Paulo, 24 de Julho de 2022.